

# As jornadas revolucionárias de 1848: uma análise comparativa do pensamento político de Karl Marx e Alexis de Tocqueville

**Sérgio Cruz de Castro Lima**  
sergiocruz0609@gmail.com

Mestre em História pela Universidade Severino Sombra – Vassouras/RJ.

**Resumo:** Alexis de Tocqueville e Karl Marx foram dois dos principais analistas da Revolução de 1848 na França. O primeiro, verificou no retraimento da participação política e na consequente centralização do poder, um dos aspectos primordiais que culminaram no processo revolucionário; o segundo, por sua vez, preocupou-se em analisar a participação proletária na Revolução e das demais classes sociais, trazendo à tona um pensamento inerente ao âmbito político. Este artigo objetiva analisar a Revolução de 1848 na França pela ótica dos dois pensadores.

**Palavras-chave:** Tocqueville; Marx; Revolução de 1848.

## The revolutionary journeys of 1848: a comparative analysis of the political thought of Karl Marx and Alexis de Tocqueville

**Abstract:** Alexis de Tocqueville and Karl Marx were two of the leading analysts of the 1848 Revolution in France. The first occurred in the withdrawal of political participation and the consequent centralization of power, one of the main aspects that culminated in the revolutionary process; the second, in turn, was concerned to analyze the proletarian participation in the revolution and the other social classes, bringing forth a thought regarding the inherent dimension to the political sphere. This paper aims to analyze the 1848 Revolution in France from the perspective of both thinkers.

**Keywords:** Tocqueville; Marx; 1848 Revolution.

### Introdução

Alexis de Tocqueville (1805-1859) e Karl Marx (1818-1883) foram dois notórios pensadores do século XIX. À época da Revolução de 1848 na França, Tocqueville ocupava o

cargo de deputado, posto no qual seguidamente se manteve desde 1839. Marx, por seu turno, redigira em 1848 *O Manifesto Comunista*, obra panfletária que marca definitivamente seu ideal e sua luta em prol de uma sociedade sem classes.

Faremos neste artigo uma análise comparativa das obras escritas pelos dois autores sobre as jornadas revolucionárias de 1848 na França: *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*, escrita por Tocqueville no calor dos acontecimentos revolucionários; e *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, redigida por Marx entre dezembro de 1851 e março de 1852.

Abaixo, vamos traçar uma breve cronologia do processo revolucionário. O objetivo é fazer com que o leitor possa se referenciar um pouco melhor sobre os eventos que serão descritos ao longo do texto.

- Fevereiro de 1848 – Luís Filipe abdica ao trono. O parlamento dissolve-se e a monarquia de julho é destronada. Nasce a Segunda República (1848-1852). O Governo Provisório convoca eleições, sendo os candidatos da burguesia e dos latifundiários os maiores vitoriosos.

- Abril de 1848 – Eleições para a formação de uma Assembléia Constituinte, primeiro órgão legislativo francês que teve os membros eleitos por sufrágio universal. O Partido da Ordem, representante da defesa da propriedade privada, torna-se o grande vencedor.

- Junho de 1848 – Os socialistas, combatidos pelo Partido da Ordem, levantam-se e formam barricadas nas ruas de Paris. A Assembléia Nacional Constituinte declara estado de sítio e nomeia o ministro da guerra, Cavaignac, chefe do poder executivo. As forças conservadores apóiam-no a combater os insurretos. Os operários são massacrados por Cavaignac. Com os eventos de junho, associações políticas passam a ser controladas pela polícia, reuniões públicas ficam proibidas e jornais são suspensos.

- Novembro de 1848 – A Constituição é promulgada. Firma-se a república presidencialista e o legislativo é eleito por sufrágio universal. Luís Bonaparte é eleito presidente para um mandato de 4 anos.

- 1852 – Golpe de Estado perpetrado por Luís Bonaparte, que se torna Imperador da França, iniciando o Segundo Império (1852-1870). Karl Marx denominou o golpe de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, numa referência ao tio de Luís, Napoleão Bonaparte.

Feita essa breve cronologia, analisaremos, de modo comparativo, o pensamento político de Tocqueville e Marx quanto aos eventos revolucionários de 1848 na França. Esse é o intuito do presente artigo. Nesse sentido, iremos verificar as similaridades e diferenças desses dois pensadores. Ressaltamos que não é nosso objetivo traçar uma história do processo revolucionário. Trata-se de uma bibliografia bastante abrangente. 1848 servirá neste texto de baliza para a análise das ideias políticas e para o estudo comparado das obras citadas dos dois autores.

***As narrativas de Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris e de O 18 Brumário de Luís Bonaparte e suas contribuições para as Ciências Humanas***

*Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris e O 18 Brumário de Luís Bonaparte* iniciam-se pelas causas da revolução de 1848, mostrando os aspectos deflagradores do processo revolucionário, passam pelos eventos de fevereiro e de junho do mesmo ano, avaliam os embates revolucionários, as querelas políticas, os projetos em jogo e todos os acontecimentos que culminaram na ascensão de Luís Bonaparte<sup>538</sup> ao poder.

Há uma reflexão política, tanto em Marx como em Tocqueville, sobre cada acontecimento, já que emitem opiniões sobre tais fatos. Essas enunciações são extremamente valiosas para captarmos a reflexão política dos dois pensadores, pois vivendo à época dos fatos se envolvem e tomam partido ante os eventos.

No caso de *Lembranças de 1848* isso é notório, bastando lembrar que Tocqueville viveu intensamente o período - ele foi deputado até ser nomeado ministro dos negócios estrangeiros durante um período do governo de Luís Bonaparte. Dessa forma, sua argumentação é a de quem presenciou diariamente os bastidores da política e a de quem esteve nas ruas acompanhando o cotidiano revolucionário. Daí ele possuir informações preciosas e saber de muitos detalhes sobre os acontecimentos, embora, logicamente, se posicione como um amante da liberdade e assuma sua contrariedade ante a revolução.

Apesar do discurso antirrevolucionário, Tocqueville não se furta a criticar o governo de Luís Felipe, chamando-o de corrupto e desinteressado pelo bem público, e alfineta seus

---

<sup>538</sup> Luís Bonaparte (1808-1873), sobrinho de Napoleão Bonaparte, foi o primeiro presidente francês eleito pelo voto direto.

próprios colegas de Assembleia Legislativa, alertando sobre a visão mesquinha dos políticos de sua época, preocupados unicamente com seus bens materiais. Seu envolvimento, portanto, é ardoroso, visto os juízos de valor que ele estabelece para os momentos revolucionários. Esse juízo de valor também é recorrente no *18 Brumário*, uma vez que Marx também tomou partido e vislumbrou a vitória do proletariado frente à burguesia. A questão que se coloca é: em que esses juízos nos são interessantes?

São importantes na medida em que enunciam a posição e o projeto político e social de ambos, daí serem tão relevantes para a análise política de Tocqueville e de Marx, pois mostram as questões que os preocupavam. Os textos estão focados principalmente nos aspectos da política. Nesse caso, vale ressaltar a atualidade das narrativas, observando a preocupação atual da historiografia no que diz respeito à dimensão do político<sup>539</sup>.

O *18 Brumário* constitui o texto em que o pensamento de Marx não se prende ao determinismo econômico, ou seja, mostra que a classe dominante em termos econômicos não possui um completo domínio do Estado, este, por sua vez, possui uma dinâmica muito mais complexa. A disputa pelo poder também ocorre entre a própria classe dominante, sendo que Marx explicita que os diversos grupos que a compõe possuem projetos de sociedade diversificados.

Também o Estado tem uma dinâmica no âmbito político que escapa ao aspecto econômico, possuindo, de certa forma, uma esfera autônoma de poder. Aqui, vale exemplificar, mostrando as querelas entre o executivo e o legislativo tão analisadas por Marx, e também por Tocqueville, quanto às disputas pelo poder. É preciso aduzir que Marx considera o proletariado o maior inimigo da classe dominante que, quando se vê na iminência de perder o poder, se une para combater os proletários, como aconteceu na insurreição de junho de 1848.

Por tudo isso, o *18 Brumário* é visto como uma das obras de grande importância no pensamento político. O pensar a dimensão do político, como ele faz, enriquece e traz um tipo de análise inovadora em Marx<sup>540</sup>. Referimo-nos aqui à disputa de poder entre a própria classe

<sup>539</sup> Para um maior detalhamento do assunto, dentre outras obras, ver: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

<sup>540</sup> O Marx de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* é o que vai até as fontes históricas para interpretar os fatos. Ele problematiza e mostra que as relações entre as classes sociais são mais complexas do que uma simples relação antagônica entre burguesia e proletariado.

dominante, entre esta e o proletariado, disputas entre poderes executivo e legislativo, assim como os diversos projetos de poder envolvidos. A amplitude da análise marxista é bem exposta por Châtelet, Duhamel e Pisiert-Kouchner<sup>541</sup>.

Mas não é só isso: as narrativas vão além do factual ao evidenciarem a influência da Revolução Francesa de 1789 no imaginário político de 1848, relacionando a história ao imaginário político, como veremos adiante.

*Lembranças de 1848* contribui para a história do imaginário político<sup>542</sup> ao enfatizar como os símbolos relacionados à Revolução Francesa foram mobilizados no calor das situações com o fito de motivar e convencer as pessoas da causa justa de todo o processo revolucionário, além de dar uma identidade aos revolucionários.

Da mesma forma, o *18 Brumário*, de Marx, tece considerações sobre a formação de um imaginário político revolucionário. De modo análogo à Tocqueville, e essa é uma das principais semelhanças das duas obras, ele observa como que a Revolução Francesa de 1789 foi usada pelos revolucionários de 1848.

Se quisermos entender a Revolução de 1848, e o pensamento político e social de Marx e Tocqueville, as leituras de *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*, e de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* são obrigatórias.

Essas obras nos mostram como os acontecimentos políticos e o envolvimento de Tocqueville nos fatos serviu para a formulação de seu ideário, pois pensamos através de um lugar social e de um momento histórico singular<sup>543</sup>. Com a comparação de Marx e Tocqueville pretendemos explicar como os dois autores mobilizam um vocabulário político e um pensamento social que possuem algumas semelhanças, como apontamos, mas muito mais diferenças.

Vale ressaltar que não é nossa pretensão darmos conta de todo o ideário político e social dos dois pensadores em questão, até porque exigiria muito mais que um artigo dada a complexidade da produção teórica de ambos. Como já dito, tentaremos abarcar em

<sup>541</sup> Ver: CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Evelyne. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

<sup>542</sup> É importante destacar, para não cair no anacronismo, que a expressão história do imaginário político é atual e não pertencente à época de Tocqueville.

<sup>543</sup> Para uma boa obra que observa o contextualismo linguístico como método, ver: SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

perspectiva comparada as idéias políticas de Tocqueville e Marx sobre as jornadas revolucionárias de 1848 na França.

### **História e imaginário político**

A análise do imaginário político na História ganhou um novo impulso a partir do alargamento dos campos de estudo da História. Não que isso seja algo novo, pois se avaliarmos, por exemplo, a tradição francesa da Escola dos Annales, vê-se que há obras que analisam o imaginário político desde sua primeira geração. Marc Bloch<sup>544</sup> buscou entender a legitimidade do poder dos reis através de práticas ditas milagrosas, isto é, - por meio dos toques nas escrófulas, doença também conhecida como adenite tuberculosa - as pessoas acreditavam que o rei possuía algo de divino. Tais práticas ocorreram entre os séculos XII e XVIII.

Quando digo o alargamento do campo de estudo da História Política ou um novo olhar para tal história, evocamos, para o caso francês, a obra *Por Uma História Política*<sup>545</sup>, na qual se fixam novas abordagens para a área, assim como novas fontes e novos objetos de estudo para o caso da História das Ideias Políticas.

Pode-se dizer que essa obra representou um marco divisor no que diz respeito à abordagem política da História. A partir de então, vários autores passaram a escrever sobre o imaginário político. Não obstante, é interessante respondermos à seguinte questão: qual é a relação entre a história e a imaginação política e social?

Para tal pergunta, faz-se necessário verificar de qual local institucional ou em qual contexto social e político encontram-se os agentes que buscam formar uma imaginação política, pois se sabe da importância deste imaginário para convencer as pessoas no que tange ao político.

Bronislaw Baczko nos alerta para a importância do estudo da imaginação social:

os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida colectiva e, em especial, no exercício do poder. As ciências humanas punham em destaque o facto de qualquer poder, designadamente o poder

<sup>544</sup> Ver: BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>545</sup> Ver RÉMOND, René. op.cit.

político, se rodear de representações colectivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico<sup>546</sup>

Pelo lado de quem está no poder é preciso legitimar o *status quo*. Dessa forma, necessita-se de um controle do imaginário que pode se dar de diversas formas, seja através dos aparelhos ideológicos de Estado, da propaganda ou da propagação de mitos.

Os marxistas, por exemplo, enfatizam o papel da ideologia como forma de controle social e justificação da ordem estabelecida. Para Marx, era preciso desmascarar a ideologia para que os oprimidos adquirissem um real significado de sua existência<sup>547</sup>.

Para isso, acionou o materialismo dialético como uma forma de análise social, que consiste, *grosso modo*, em abordar as formações sociais por meio de como o homem vive através das relações produtivas<sup>548</sup>. Neste sentido, Marx e os adeptos de suas ideias também buscam formar um imaginário no qual as pessoas tomem ciência da realidade, a fim de mobilizar os proletários para a revolução. O fato é que a ideologia possui um papel fundamental na constituição do imaginário.

Os signos e símbolos também são importantes nesse sentido. Os monumentos erguidos registram o que e como deve ser lembrado na memória coletiva. A supressão de certos símbolos pode representar uma busca de se apagar da memória o que não corresponde aos anseios de quem está no poder.<sup>549</sup>

Há na história diversos casos em que a troca de quem exerce o poder está em consonância com a mudança dos símbolos objetivando a construção de um novo imaginário.

Na Revolução Francesa de 1789, o calendário revolucionário almejava rememorar o que estava de acordo com as ideias dos revolucionários e apagar da lembrança tudo o que pertencia à ordem anterior<sup>550</sup>. O próprio termo “Antigo Regime” foi criado pelos revolucionários para associar o período anterior à Revolução ao velho e ultrapassado<sup>551</sup>.

<sup>546</sup> BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: Enciclopédia Einaudi, v. 5. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996, p. 297.

<sup>547</sup> Ver: MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

<sup>548</sup> Ver: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

<sup>549</sup> Sobre a relação entre História e Memória, ver: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

<sup>550</sup> Ver: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.

<sup>551</sup> O interessante é que um dos maiores propagadores de tal termo foi o próprio Tocqueville, haja vista o título de uma de suas obras: *O Antigo Regime e a Revolução*.

Entravam em cena novas formas de vida; roupas mais leves passaram a ser usadas. A bandeira tricolor simbolizava os ideais revolucionários: igualdade, liberdade e fraternidade<sup>552</sup>.

Da mesma forma, após a proclamação da República no Brasil, a bandeira também foi mudada. Os termos Ordem e Progresso foram incorporados a ela, já que os positivistas foram ativos na campanha pela República<sup>553</sup>. Novos monumentos foram erguidos e, como é notório, Tiradentes passou a representar o ideal republicano: um mártir em prol de uma causa.

Na ex-URSS o processo foi semelhante. A bandeira vermelha com a foice e o martelo foi oficializada, novos nomes substituíram os antigos. Basta lembrar Stalingrado e Leningrado. A cor vermelha, até hoje é erguida pelos comunistas em movimentos reivindicatórios por todo o mundo.

Em todos esses acontecimentos da história, na França, na ex-URSS ou no Brasil, tentativas de enquadrar a memória, de conquistar o imaginário coletivo escolhendo o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado.

É preciso esclarecer a existência de uma diversidade de imaginários que se rivalizam e ganham ou perdem força conforme o contexto social e político. Em momentos de crise de um governo, o imaginário político dos revolucionários ganha evidência. É o momento propício não só para mobilizar as pessoas para a causa revolucionária, lembrando a todos que o futuro pode ser diferente.

Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro.<sup>554</sup>

Feita esta breve relação entre História e imaginário político, veremos a partir de agora, como Alexis de Tocqueville e Karl Marx analisaram a influência da Revolução Francesa na imaginação política de 1848.

---

<sup>552</sup> Ver: AGUILHON, Maurice. “Marianne, objeto de cultura?” In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 111-120.

<sup>553</sup> Sobre a mudança dos símbolos, ver: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>554</sup> BACZKO, op.cit., p. 312.

## A Revolução Francesa e o imaginário político de 1848

Já vimos que a análise do imaginário político na História é “recente”. Entretanto, no século XIX, Alexis de Tocqueville e Karl Marx avaliaram a influência do imaginário da Revolução Francesa de 1789 na Revolução de 1848.

O início da obra de Tocqueville, *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*, já toca em tal influência:

os revolucionários de 1848, não querendo ou não podendo imitar as loucuras sanguinárias de seus predecessores, consolavam-se com frequência reproduzindo as loucuras ridículas. Foi assim que imaginaram dar ao povo grandes festas alegóricas.<sup>555</sup>

Percebe-se a ojeriza de Tocqueville aos revolucionários, não só os de 1848 como os da Revolução Francesa, os quais estão ligados por um *continuum* que perpassou o imaginário de várias gerações. Na afirmação acima ele destaca as festas como um momento de aproximação do povo com os revolucionários, o que também ocorreu na Revolução de 1789. As festas, dessa forma, constituíam um importante momento de sociabilidade e de estreitamento de vínculos entre a população e os revolucionários. Mas o que mais impressiona na escrita de Tocqueville é a crítica mordaz feita aos revolucionários.

Também em Marx, as duas revoluções estão conectadas:

os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada.<sup>556</sup>

Marx apresenta sua opinião sobre a escolha dos homens como atores da história, e lembra que é o passado que condiciona as atitudes de quem faz a história no presente, já que o mundo com o qual o ator histórico se defronta é aquele transmitido pelas gerações

<sup>555</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 141.

<sup>556</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17-18.

anteriores, da mesma forma que esta recebeu uma herança das outras gerações. O passado é visto por Marx como uma evocação para algo que faz lembrar os embates do presente, pois a identificação do presente com o passado faz com que certos eventos sejam lembrados de uma determinada forma. Ele observa, desse modo, os mesmos símbolos de 1789 sendo lembrados pelos revolucionários de 1848. Entretanto, explica a finalidade de tal evocação:

a ressurreição dos mortos nessas revoluções tinha, portanto, a finalidade de glorificar as novas lutas e não a de parodiar as passadas; de engrandecer na imaginação a tarefa a cumprir, e não de fugir de sua solução na realidade; de encontrar novamente o espírito da revolução e não de fazer o seu espectro caminhar outra vez.<sup>557</sup>

Busca-se, portanto, uma identificação com o espírito revolucionário que emerge. Marx admite que é um novo conflito, mas que em tempos de revolução é necessário rememorar as lutas passadas que também almejavam uma nova ordem: o conflito em prol de um mundo melhor<sup>558</sup>. É que o imaginário deve ser sensibilizado por imagens revolucionárias como forma de mobilizar as pessoas na luta por um novo futuro.

No início de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx já anuncia esta relação entre líderes revolucionários de épocas distintas:

Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière por Danton, Luís Blanc por Robespierre, a Montanha de 1848-1851 pela Montanha de 1793-1795, o sobrinho pelo tio.<sup>559</sup>

Marx compara atores históricos da Revolução Francesa com os da Revolução de 1848, criticando-os: trágicos os da Revolução Francesa; farsantes, os de 1848.<sup>560</sup> Sobre Luís Bonaparte seu deboche é claro, comparando-o ao tio Napoleão Bonaparte. Dessa forma, sob novas roupagens aparecem os novos líderes.

<sup>557</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 19.

<sup>558</sup> Encontra-se em Marx uma visão teleológica da História, uma vez que para ela a história tem um caminho a ser seguido que culminaria numa formação social sem classes: a sociedade comunista. Daí, as revoluções serem necessárias para acelerar o tempo histórico em prol de uma sociedade ideal.

<sup>559</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17.

<sup>560</sup> Daí, a famosa aceção de Marx, segundo a qual a história se repete primeiro como tragédia e depois como farsa.

A crítica de Marx sobre o caráter de “farsa” dá-se pelo fato de acreditar que a verdadeira revolução do proletariado ocorreria sem qualquer tipo de disfarce. A revolução socialista aconteceria deixando clara as suas intenções e qual tipo de sociedade seria instaurada, sem precisar mascarar o seu objetivo essencial: a derrubada de uma ordem opressora.

Por sua vez, Tocqueville estabelece algumas críticas a este imaginário que rememora a Revolução Francesa:

os franceses, sobretudo em Paris, misturam facilmente as lembranças da literatura e do teatro com as manifestações mais sérias, o que frequentemente nos faz pensar que são falsos os sentimentos que mostram, quando o que ocorre é que estão inabilmente ornados. Aqui, a imitação foi tão visível que a terrível originalidade dos fatos permaneceu escondida. [...] Os homens da primeira revolução estavam vivos em todos os espíritos, seus atos e suas palavras presentes em todas as memórias. Tudo o que presenciei nesse dia trazia a marca visível de tais lembranças; sempre tive a impressão de que houve mais esforços para representar a Revolução Francesa que para continuá-la.<sup>561</sup>

Sobre a mistura entre literatura e teatro com as manifestações políticas é notória a crítica de Tocqueville no que diz respeito à influência das ideias iluministas no imaginário político de 1789. Segundo ele, a literatura produzida pelos iluministas não tinha um conhecimento apurado sobre a política, mas somente um desejo irrefletido por um mundo sem desigualdades<sup>562</sup>. A falta de habilidade política dos “literatos” foi fortemente criticada por Tocqueville em sua análise da Revolução Francesa, não obstante, responsabilizando-os pela formação intelectual dos revolucionários. Escusado dizer que no pensamento tocquevilleano não se pode confundir literatura e política.

A representação da Revolução Francesa em 1848 era uma forma de lembrar os símbolos de uma revolução e de algo novo por surgir. O “terror”, dessa forma, era lembrado.

A História da revolução, de monsieur Thiers, Os girondinos, de monsieur de Lamartine, outras obras menos célebres mas suficientemente conhecidas e sobretudo as peças de teatro tinham reabilitado o Terror e, de certa maneira, posto-o na moda. As paixões mornas da época eram expressas na linguagem inflamada de

<sup>561</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 75.

<sup>562</sup> Ver: TOCQUEVILLE, Alexis de. *O Antigo Regime e a Revolução*. 4ª ed. Brasília: Ed. UnB, 1997. Para uma comentadora que trata o assunto de forma criteriosa, ver: QUIRINO, Célia Galvão. *Dos infortúnios da igualdade ao gozo da liberdade*. São Paulo: Humanitas, 2001.

93, e recorria-se a todo momento ao exemplo e ao nome de ilustres celebrados, não se tendo sua energia e nem mesmo o desejo sincero de a eles se assemelhar.<sup>563</sup>

A mobilização de um imaginário que reporta ao Terror é recorrente. O próprio partido da Montanha recebe este nome em decorrência dos montanheses ou jacobinos. Gabavam-se do nome e procuravam se assemelhar aos jacobinos. Símbolos do terror eram lembrados pelos montanheses.

### **Sobre as causas da Revolução de fevereiro de 1848**

A análise de Marx, no que concerne às causas da Revolução, pressupõe que fora derrubado o poder exclusivo da aristocracia financeira, que constituía o alicerce do poder de Luís Felipe. Não que ela tenha se afastado do poder, mas agora tinha que compor a classe dominante junto aos outros setores de atividade da burguesia.

O embate no seio da própria classe dominante representa uma das principais contribuições do *18 Brumário* para o pensamento marxista, já que em outras obras Marx expôs que os interesses divergentes eram os da classe dominante, detentora dos meios de produção, com os da classe dominada, que vendia sua força de trabalho para os que possuíam os instrumentos de produção. Em *O 18 Brumário*, explica que na própria classe dominante havia disputas pelo controle do Estado.

No entanto, soma-se à oposição ao poder de Luís Felipe o próprio proletariado e a pequena burguesia. Grupos de condições materiais e de projetos sociais diferentes uniram-se para formar o primeiro governo após a queda da Monarquia de Julho.

Em nenhum período, portanto, encontramos uma mistura mais confusa de frases altissonantes e efetiva incerteza e imperícia, aspirações mais entusiastas de inovação e um domínio mais arraigado da velha rotina, maior harmonia aparente em toda a sociedade e mais profunda discordância entre seus elementos.<sup>564</sup>

Marx vê na constituição do legislativo, em maio de 1848, a consolidação da república burguesa, cada vez mais distante do ideário do proletariado. Escusado dizer que o arranjo

<sup>563</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 94.

<sup>564</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 24.

político de fevereiro de 1848 não podia se sustentar com grupos tão heterogêneos formando o governo.

Marx destaca que na Revolução de 1848 “cada partido ataca por trás aquele que procura empurrá-lo para a frente e apóia-se pela frente naquele que o empurra para trás”.<sup>565</sup>

Tocqueville, também, debruça-se intensamente sobre as causas da Revolução. Reserva uma boa parte de *Lembranças de 1848* para a análise do governo de Luís Felipe. No seu entender, a Revolução de 1830 e a Monarquia de Julho representaram a ascensão da classe média ao poder. Nesse sentido, sua análise difere da de Marx, já que para este o governo de Luís Felipe tinha a aristocracia financeira como classe dominante, malgrado Tocqueville argumentar que a classe média era constituída pela própria burguesia que “alojou-se em todos os cargos, aumentou prodigiosamente seu número e habituou-se a viver quase tanto do tesouro político quanto de sua própria indústria”.<sup>566</sup>

A crítica de Tocqueville ao modo de vida burguês da sociedade de seu tempo é contundente, pois aduzia que a burguesia só se interessava pela vida privada, adquirindo cargos públicos devido aos interesses particulares.

Dona de tudo, como não o tinha sido e não o será talvez jamais nenhuma aristocracia, a classe média, que precisa ser chamada de classe governamental, tendo-se aquartelado no poder e logo depois em seu egoísmo, adquiriu um ar de indústria privada, onde cada um de seus membros quase só pensava em assuntos públicos para canalizá-los em benefício de seus interesses privados, esquecendo facilmente em seu pequeno bem-estar as pessoas do povo.<sup>567</sup>

Para Tocqueville, a classe média foi indigna e perdeu o poder porque foi incapaz de mantê-lo. Não possuía qualquer virtude política para representar o povo. Previu novas revoluções caso os cidadãos continuassem a corromper a vida pública<sup>568</sup>.

---

<sup>565</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 41.

<sup>566</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 35.

<sup>567</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 35.

<sup>568</sup> Segundo Tocqueville, sem a participação política o risco de novas revoluções e da tirania era uma possibilidade real.

Pois bem: minha convicção profunda e meditada é que os costumes públicos estão-se degradando; é que a degradação dos costumes públicos vos levará, em curto espaço de tempo, brevemente talvez, a novas revoluções.<sup>569</sup>

Os interesses egoístas da classe média, o não cuidado com o público, propiciou que o povo se inflamasse para pegar em armas e fazer a revolução. Ao longo da história atribui os eventos revolucionários à corrupção da vida pública, pois os políticos não foram capazes de atender aos anseios da sociedade visando ao bem comum.

Vivendo no calor dos eventos de 1848, Tocqueville acompanhou o dia a dia da Revolução, muitas vezes sendo surpreendido pelos acontecimentos:

eu não achava que a jornada do dia 22 fosse capaz de produzir inquietações sérias. A multidão já enchia as ruas, mas parecia composta de curiosos e descontentes, mais do que de sediciosos: o soldado e o burguês trocavam cumprimentos ao se encontrar e, entre a multidão, eu ouvia menos gritos que gracejos. Sei que não se deve confiar nessas aparências. São os moleques de Paris que costumam empreender insurreições, e em geral alegremente, como escolares que saem em férias.<sup>570</sup>

O tom irônico com o qual Tocqueville reporta-se aos insurretos mostra-nos seu desgosto pela revolução<sup>571</sup>. Ao mesmo tempo, ele duvida que o processo revolucionário esteja em curso, visto a harmonia no cumprimentar do soldado e o burguês e a aparência de descontração que ele observa.

A indignação dele ante os políticos de sua época é expressa frequentemente nas *Lembranças* e serve de motivo para a crítica furiosa que dirige para a cultura política de seu tempo. Sobre os políticos diz:

A verdade, deplorável verdade, é que o gosto pelas funções públicas e o desejo de viver à custa dos impostos não são, entre nós, uma doença particular de um partido: é a grande e permanente enfermidade democrática de nossa sociedade civil e da centralização excessiva de nosso governo; é esse mal secreto que corroeu todos os antigos poderes e corroerá igualmente todos os novos.<sup>572</sup>

<sup>569</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 44.

<sup>570</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 54.

<sup>571</sup> Sobre a ironia no pensamento de Tocqueville, ver: WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1992.

<sup>572</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 57.

O tom profético da afirmação é indício de uma das principais preocupações do pensamento toquevilleano: o enfraquecimento da sociedade civil devido à ausência de preocupação com o interesse coletivo, e o fortalecimento e centralização do poder do Estado, o que faz com que o governo concentre o poder em suas mãos e seus membros usufruam das benesses públicas conforme seus prazeres.

Tocqueville narrou detalhadamente os acontecimentos iniciais da Revolução de 1848, como o do dia 24 de fevereiro:

desci imediatamente e, mal havia posto o pé na rua, senti pela primeira vez que respirava em cheio a atmosfera das revoluções: o meio da rua estava vazio; as lojas estavam fechadas; não se viam carruagens ou transeuntes; não se ouviam os gritos habituais dos vendedores ambulantes; diante das portas, os vizinhos reunidos em pequenos grupos cochichavam a meia voz, com aparência assustada.<sup>573</sup>

O recolhimento das pessoas à esfera privada indicou o início da revolução. Mas quais seriam os protagonistas do evento revolucionário? Na opinião de Tocqueville os mesmos que participaram da Revolução de 1830, ou seja, o proletariado. Em discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, ele já havia advertido a sociedade francesa a respeito de como a propriedade poderia ser o foco central de lutas revolucionárias: o embate entre proprietários e não proprietários.

A esse respeito, encontra-se uma aproximação com o pensamento marxista, já que para Marx as classes dominante e dominada entrariam em choque pela propriedade dos meios de produção. Contudo, Tocqueville vaticinava que o problema poderia ser resolvido se os governantes se interessassem pelo interesse de todos e não apenas com seus próprios projetos particulares<sup>574</sup>. Marx não via outra saída a não ser a revolução.

Frisa-se também que os principais atores políticos de fevereiro de 1848, segundo Marx, foram classes sociais de interesses diversos que questionavam o poder da aristocracia financeira. Marx só verá uma guinada para uma tentativa de revolução popular nas insurreições de Junho.

---

<sup>573</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 60.

<sup>574</sup> Para um melhor entendimento da questão num comentador de Tocqueville, ver: JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. Rio de Janeiro: Ed. Acess, 1997. Da mesma forma, ver: VIANNA, Luiz Werneck. "O Problema do Americanismo em Tocqueville". In: *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

Tocqueville, ao contrário, notara o proletariado como o ator político por excelência do início da Revolução de 1848, destacando que foram os mesmos que protagonizaram o processo revolucionário em 1830. Entretanto, ele não acredita numa repetição da história, pois concebe o homem e seus desejos diferindo conforme o momento histórico: “um tempo nunca se ajusta perfeitamente a outro: os quadros antigos que tentamos a todo custo encaixar em novas molduras produzem em regra um mau efeito.”<sup>575</sup> Concorda com Marx num aspecto de 48: tal revolução, para ambos, constitui uma tragédia, já que Tocqueville prezava pela liberdade e não relutava em dizer sua contrariedade às revoluções de seu tempo feitas em nome de um amor irrefletido pela igualdade<sup>576</sup>. Já Marx, acredita que a única revolução verdadeira é a do proletariado contra a burguesia, julgando as demais que não possuam este embate como meras farsas ou tragédias.

Ao tratar os proletários como os agitadores, Tocqueville não deixa de ironizá-los: “embora percebesse que o desenlace da peça seria terrível, nunca pude levar os atores muito a sério; tudo me parecia uma desprezível tragédia representada por histriões de província.”<sup>577</sup>

Tocqueville usa outra vez da ironia<sup>578</sup> para relatar como ocorreu a nomeação para a constituição do governo provisório:

a maioria dos nomes foi aclamada, alguns foram rechaçados com murmúrios, outros acolhidos com gracejos, pois, nas cenas populares, tal como nos dramas de Shakespeare, o burlesco acotovela-se facilmente com o terrível e as zombarias às vezes misturam-se com os ardores revolucionários.<sup>579</sup>

Ao mesmo tempo, Tocqueville procura resposta para a seguinte questão: quem tramou a Revolução? Conclui que a *intelligentsia* respondia pelo nome de socialistas:

tais teorias diferiam muito umas das outras - eram frequentemente contrárias, às vezes inimigas -, mas todas, detendo-se num alvo abaixo do governo e esforçando-se para atingir a própria sociedade, que lhe serve de base, tomaram o nome comum de socialismo. [...] O socialismo permanecerá como o caráter essencial e a lembrança

<sup>575</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 61.

<sup>576</sup> O tema do perigo da paixão irrefletida pela igualdade perpassa toda a obra tocquevilleana.

<sup>577</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 76.

<sup>578</sup> Sobre a ironia em Tocqueville, ver: Cf. WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1992.

<sup>579</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 77.

mais temível da Revolução de Fevereiro. De longe, a república só aparecerá como um meio, não como um fim.<sup>580</sup>

Ressalta que tais teorias socialistas têm em comum o combate às desigualdades. Não é à toa que em seus discursos na Câmara dos Deputados já manifestasse receio das revoluções feitas em nome da socialização da propriedade.

Apesar de destacar o aspecto popular do evento, afirma que os proletários não governaram sozinhos na formação do governo provisório:

ainda que as classes trabalhadoras tivessem frequentemente desempenhado o papel principal nos acontecimentos da Primeira República, jamais haviam sido as condutoras e as únicas detentoras do Estado, nem de fato nem de direito.<sup>581</sup>

A teoria de Marx que enxerga o proletariado sendo “empurrado para trás” no curso do governo provisório encaixa-se à afirmação de Tocqueville, já que este observa que quem fez a revolução, proletariado, não governou com exclusividade.

Contudo, Tocqueville destacou que todo um imaginário socialista estava se engendrando na mentalidade do povo e prognosticou que tal fato poderia se espalhar pela Europa:

dessa vez, não se tratava apenas do triunfo de um partido; aspirava-se a fundar uma ciência social, uma filosofia, quase me atrevo a dizer uma religião comum que se pudesse ensinar a todos os homens e que por todos fosse seguida. Aí está a parte realmente nova do antigo quadro.<sup>582</sup>

Concomitantemente, todos buscavam se identificar com a proposta revolucionária buscando na família um membro que pertencesse ao operariado ou mesmo se colocando a favor da causa dos operários. A preocupação de Tocqueville frente à ideologia socialista é clara. No entanto, ele não expõe as premissas socialistas, não detalha essas ideias e nem menciona os pensadores socialistas, mas coloca em questão o fato de que a propriedade se

<sup>580</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 95.

<sup>581</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 91.

<sup>582</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 92.

tornou a principal inimiga deles, pois era vista como a principal fonte da desigualdade entre os homens:

e falando especificamente da propriedade, que é o fundamento da nossa ordem social, esta restou como o principal obstáculo para a igualdade entre os homens, até o ponto de parecer o único signo de desigualdade, porquanto todos os privilégios que a envolviam e até a escondiam haviam sido destruídos.<sup>583</sup>

Explica que num primeiro momento da Revolução houve uma significativa evocação dos jacobinos da Revolução Francesa como forma de rememorar uma ideia de sociedade que se identificava com os acontecimentos revolucionários. Era importante buscar na história um projeto social que também se comprometia com a igualdade social.

Tocqueville expõe os fatos de forma melancólica: “havia adquirido demasiada experiência dos homens para acreditar, dessa vez, em palavras vãs; sabia que, se uma grande revolução pode fundar a liberdade de um país, a sucessão de várias impossibilita por muito tempo toda liberdade regular.”<sup>584</sup>

Não observava Tocqueville um amor à liberdade que a preservasse ante as revoluções, até mesmo pelo fato de assinalar que a cultura política francesa não era a do exercício político da liberdade, sendo a igualdade social buscada em primeiro plano<sup>585</sup>.

### **A insurreição proletária de junho de 1848**

Ao estourar a revolução em fevereiro, Marx assinalou que a luta do proletariado era por uma república social, mas que os interesses divergentes das várias classes sociais, formadoras do governo provisório, impediram a vitória do projeto dos proletários. Logo as expectativas de república social foram adiadas, já que a república que se constituía era a da burguesia. Os membros populares foram sendo afastados da administração pelos burgueses, pois constituíam empecilho para o projeto da classe dominante.

<sup>583</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 95.

<sup>584</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 86.

<sup>585</sup> O exercício político da liberdade foi encontrado nos EUA em contraposição à sociedade francesa. Ver: TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América*: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Da mesma forma, ver: RHEINARDT, Mark. *The Art of Being Free*: Taking Liberties with Tocqueville, Marx and Arendt. New York: Cornell University Press, 1997. Esta obra, num outro sentido, estabelece uma interessante comparação entre o pensamento de Tocqueville, Arendt e Marx.

O medo do poder nas mãos do operariado, radicalizando a revolução, foi a condição essencial para que os revolucionários mais radicais fossem cada vez mais isolados pelas classes que haviam feito a revolução, ou seja, fora preciso a presença dos proletários para o sucesso do processo, contudo, com a constituição de um novo governo, eles já podiam ser descartados.

Marx descreve o massacre do proletariado:

a república burguesa triunfou. A seu lado alinhavam-se a aristocracia financeira, a burguesia industrial, a classe média, a pequena burguesia, o exército, o *lumpen-proletariado* organizado em Guarda Móvel, os intelectuais de prestígio, o clero e a população rural. Do lado do proletariado de Paris não havia senão ele próprio. Mais de três mil insurretos foram massacrados depois da vitória e quinze mil foram deportados sem julgamento. Com essa derrota o proletariado passa para o fundo da cena revolucionária.<sup>586</sup>

O que Marx chama de “derrota do proletariado” será um dos motivos para a Insurreição de junho, a tentativa de aprofundar a revolução. Tocqueville não menciona o alijamento do proletariado.

Segundo Marx, a insurreição de Junho foi o embate do proletariado contra todas as classes sociais.

Durante as jornadas de junho todas as classes e partidos se haviam congregado no partido da ordem, contra a classe proletária, considerada como o partido da anarquia, do socialismo, do comunismo. Tinham ‘salvo’ a sociedade dos ‘inimigos da sociedade’.<sup>587</sup>

Tocqueville destaca o envolvimento da população e o seu caráter de “combate de classes”, lembrando que para ele a Revolução de fevereiro também tinha esta característica, embora a de junho fosse concebida como uma insurreição em que houve um engajamento maior do proletariado.

Nesse sentido, as análises de Marx e Tocqueville se assemelham, sendo que ambos colocam em primeiro plano o fato da insurreição constituir uma luta de classes. Segundo Tocqueville,

<sup>586</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 25.

<sup>587</sup> MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 27.

o que a distinguia ainda, entre todos os acontecimentos do gênero que se sucederam nos últimos sessenta anos na França, foi que ela não teve por objetivo mudar a forma de governo, mas alterar a ordem da sociedade. Não foi, para dizer a verdade, uma luta política (no sentido que até então tínhamos dado à palavra), mas um combate de classe [...]<sup>588</sup>

Novamente Tocqueville destaca o papel exercido pelo socialismo:

havia-se assegurado às pessoas pobres que o bem dos ricos era de alguma maneira o produto de um roubo cujas vítimas eram elas. Da mesma forma foi-lhes dito que a desigualdade das fortunas era tão contrária à moral e à sociedade quanto à natureza. Sob o impulso das necessidades e das paixões, muitos haviam acreditado nessas idéias. Tal obscura e errônea noção do direito, que se misturava à força bruta, comunicou a essa força uma energia, uma tenacidade e um poderio que por si só jamais teria tido.<sup>589</sup>

Embora Tocqueville destaque a influência do socialismo, em momento algum, como já enfatizamos, ele cita quem eram esses pensadores socialistas. Por sua vez, Marx não toca na questão de uma ideia socialista movendo as atitudes do proletariado. Ele evidencia a luta de classes, mas sem explicar de quem eram as ideias que motivaram os revoltosos para a cena política.

Um aspecto que impressionou Tocqueville nas jornadas de junho foi a participação das mulheres. Justifica tal presença pela preocupação com a situação econômica dos maridos e com o futuro dos filhos, não deixando, entretanto, de desprezar a revolta feminina tratando-a com ironia: “amavam essa guerra como teriam amado uma loteria”.<sup>590</sup>

Sobre a insurreição de junho, Tocqueville narrou detalhadamente o cotidiano revolucionário, desde seu início, passando pela construção das barricadas, até o fim, como se vê, em sua afirmação abaixo, do dia 23 de junho, quando, ao sair à rua, descreveu o levantamento das barricadas e os preparativos do povo para o combate. Ao anoitecer ele já estava seguro da vitória antirrevolucionária:

quando, ao deixar o recinto tumultuoso, encontrei-me a uma hora da manhã na ponte Royal e desse lugar avistei Paris envolvida nas trevas, calma como uma cidade

<sup>588</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 149.

<sup>589</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 150.

<sup>590</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 150.

adormecida, tive dificuldade em me persuadir de que tudo o que havia visto e ouvido desde a manhã era realidade e não uma pura criação de meu espírito. As praças e as ruas que atravessava estavam absolutamente desertas; nenhum ruído, nenhum grito; dir-se-ia que um povo industrioso, fatigado pela vigília, descansava antes de retomar os pacíficos trabalhos do dia seguinte. A serenidade da noite acabou por se apoderar de mim; cheguei a me convencer de que já tínhamos triunfado e, uma vez em casa, adormeci imediatamente.<sup>591</sup>

Claramente, ele toma partido contra a insurreição e associa a agitação revolucionária às “trevas”. Dessa forma, ele e Marx encontram-se em polos opostos, já que Marx é partidário da causa proletária.

Enquanto Tocqueville associa os acontecimentos revolucionários ao espírito doentio de sua época, Marx louva e faz apologia frente à possibilidade da revolução mudar o curso da História, promovendo uma nova estrutura social.

Com os eventos de 23 de junho, Tocqueville não esperava qualquer embate para o dia seguinte, entretanto, foi pego de surpresa:

quando despertei, já era tarde; o sol pairava há algum tempo sobre o horizonte, pois estávamos nos dias mais longos do ano; ao abrir os olhos, ouvi um som metálico e seco, que fez tremer os vidros e extinguiu-se imediatamente no silêncio de Paris: ‘O que é isso?’ , perguntei; e minha mulher respondeu-me: “É o canhão; faz uma hora aproximadamente que estão atirando; não achei conveniente acordá-lo, pois hoje, sem dúvida, necessitará de todas as suas forças’. Vesti-me apressadamente e saí; os tambores começavam a tocar o alarme por todos lados. O dia da grande batalha tinha, concretamente, chegado.<sup>592</sup>

O anúncio da revolução agitou a família de Tocqueville. Ao ser alertado por sua esposa, logo ele tomou o caminho da Assembleia, embora estivesse muito preocupado com os rumos que a sociedade francesa tomaria a partir daquela data.

Ao chegar, observou que os membros do Legislativo estavam inquietos e muito perplexos diante da agitação. O clima era de muito nervosismo, como é de praxe nestas situações, e Tocqueville lamentava tragicamente toda a agitação dos revoltosos.

Disse sobre a insurreição:

as oficinas nacionais e vários bandos revolucionários que acabavam de ser dissolvidos forneciam-lhe líderes e soldados já disciplinados e aguerridos. A

<sup>591</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 154.

<sup>592</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 154.

insurreição continuava a se estender e não era difícil acreditar que terminaria vitoriosa, ao lembrar que todas as grandes insurreições ocorridas nos últimos sessenta anos teriam triunfado.<sup>593</sup>

Sua análise da Revolução Francesa e suas lembranças da Revolução de 1830, o fazia já decretar que a revolta alcançaria êxito e, como nessas duas, sua posição não foi diferente: criticou veementemente uma época que dizia não se importar com a liberdade e homens que se gabavam de suas façanhas, embora, para Tocqueville, fossem nada mais que grosserias e mesquinhas. Sentia-se receoso:

As paixões cúpidas, cegas e grosseiras que levavam o povo a pegar em armas atemorizavam-nos: paixões quase tão temíveis, com efeito, para os que com elas simpatizavam, sem aderir totalmente a elas, quanto para os que as condenavam e as combatiam.<sup>594</sup>

Os símbolos dos revolucionários motivavam os hábitos e ações dos insurretos, buscando, de alguma forma, agregá-los e dar uma identidade aos que lutavam.

Em todos os bairros ressoava uma música diabólica, mistura de tambores e de clarins cujos sons entrecrocados, discordantes e selvagens eram-me desconhecidos. Com efeito, ouvia-a pela primeira vez, e jamais voltei a ouvi-la depois: era a generala, que, segundo um acordo, não poderia ser tocada senão em extremo perigo, para chamar todo mundo ao mesmo tempo às armas".<sup>595</sup>

Tocqueville recebera, então, uma ameaça de morte do porteiro da casa onde morava. Deixemos a palavra com Tocqueville, sob o risco de não conseguirmos passar a mesma emoção de suas palavras.

Os primeiros sucessos da insurreição haviam-no exaltado; na manhã do dia a que me refiro, havia percorrido as tavernas das proximidades e, entre outras afirmações perversas que sustentara, disse que me mataria à noite, quando eu voltasse para casa, se é que voltaria; até mesmo mostrara uma longa faca que usaria para esse fim. Uma pobre mulher, que o escutara, correu muito alarmada para advertir madame de Tocqueville; esta, antes de deixar Paris, mandou-me um bilhete em que, depois de me relatar o fato, rogava-me que não voltasse de noite; sugeria-me que fosse dormir na casa de meu pai, então ausente, que era muito próxima. Foi o que pretendi

<sup>593</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 156.

<sup>594</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 156.

<sup>595</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 157.

fazer, mas quando deixei a Assembléia, por volta da meia-noite, não tive mais disposição para seguir o plano. Estava esgotado e ignorava se encontraria uma cama preparada, fora de minha casa. Ademais, acreditava pouco na execução desses crimes anunciados de antemão e experimentava, enfim, essa espécie de despreocupação que se segue às emoções prolongadas.<sup>596</sup>

Tocqueville chega a se indagar se o tal homem teria realmente intencionado lhe assassinar. De sorte que, conclui que nas épocas revolucionárias os crimes cometidos contra os que condenam a revolução têm um significado distinto dos crimes de uma época de paz: comete-se o delito arvorando-se de boas intenções na agitação revolucionária.

Dessa forma, a insurreição de junho foi analisada distintamente por Marx e Tocqueville: aquele, desejoso da vitória do proletariado; este, perplexo diante da possibilidade de tomada de poder pelos “socialistas”.

### Considerações Finais

Ao analisar *Lembranças de 1848* e *O 18 Brumário* não podemos deixar de destacar a frustração de Marx e de Tocqueville frente à ascensão ao poder de Luís Bonaparte, criticado asperamente, como vimos, pelos dois. Ao final das duas obras, a certeza de que a Revolução de 1848 não satisfaz aos anseios de Marx e de Tocqueville: o primeiro, desejoso da vitória do proletariado; o segundo, vislumbrando um futuro sombrio para a França caso não fosse colocado em primeiro plano a liberdade política.

A análise de Marx sobre as jornadas revolucionárias de 1848 é a que o aproxima da metodologia de um historiador, uma vez que pesquisando os fatos ele dá uma complexidade maior aos interesses das classes sociais, sem uma relação de determinismo econômico. É o Marx historiador, distinto do filósofo de *A Ideologia Alemã* e, também, diferente do Marx economista de *O Capital*, assim como bem distinto em relação ao panfletário de *O Manifesto Comunista*.

Nesse sentido, *O 18 Brumário* torna-se uma obra fundamental para a compreensão do pensamento marxista numa visão global e serve-nos para compreender as diversas formas com que um pensador, dependendo do referencial e do método, pode analisar um dado tema.

---

<sup>596</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848*: as jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 155-156.

Já no pensamento de Tocqueville, por sua vez, a falta de participação política poderia comprometer seriamente não só a França, mas as formações sociais da modernidade e a própria democracia. Deve-se ressaltar que o ideário tocquevilleano não deixa claro quem, dentre todos, participaria. Apenas uma classe privilegiada, uma espécie de “aristocracia” da modernidade?

A realidade social continua a nos indagar como seria possível o exercício da política, da liberdade, em contextos de desigualdade social, assim como foi no século XIX de Alexis de Tocqueville e de Karl Marx.

### Referências Bibliográficas

AGUILHON, Maurice. *1848 ou O Aprendizado da República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. Marianne, objeto de cultura? In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 111-120.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi, v. 5. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996.

BIGNOTTO, Newton (Org.). *Matrizes do Republicanismo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOESCHE, Roger. *The Strange Liberalism of Alexis de Tocqueville*. London, Cornell University Press, 1987.

BOBBIO, Norberto. *Igualdade e Liberdade*. São Paulo: Ediouro, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a República no Brasil*. DADOS, 32, 3, p. 265-280.

CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Evelyne. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FURET, François. *Pensar a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

JARDIN, André. *Alexis de Tocqueville. 1805-1849*. Paris, Hachette, 1984.

JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. Rio de Janeiro: Ed. ACESS, 1997.

LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Global, 1985

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política: Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.v.4.

POCOCK, John G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

QUIRINO, Célia G. *Dos infortúnios da igualdade ao gozo da liberdade*. São Paulo: Humanitas, 2001.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

RHEINARDT, Mark. *The Art of Being Free: Taking Liberties with Tocqueville, Marx and Arendt*. New York: Cornell University Press, 1997.

SEN, Amartya. *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América: leis e costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Democracia na América: sentimentos e opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Antigo Regime e a Revolução*. 4ª ed. Brasília: Editora UNB, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a pobreza*. Rio de Janeiro: Univercidade, 2003.

VIANNA, Luiz Werneck. O Problema do Americanismo em Tocqueville. In: *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1992.

**Recebido em 11 de janeiro de 2017.**

**Aprovado em 04 de junho de 2017.**